

Tancredo e o Muda Brasil

46
15 ABR 1995

José Sarney

CORREIO BRAZILIENSE

Há dez anos morria Tancredo Neves. Com ele desaparecia o homem que a História tinha preparado para fazer a transição democrática no Brasil. Suas qualidades de conciliador, sua experiência extraordinária da coisa pública, acumulada numa longa vida de serviços prestados ao país, davam-lhe a base necessária para cumprir essa tarefa, sem que o Brasil atravessasse o trauma e a turbulência que todos os países que passaram do autoritarismo para a democracia viveram.

Tancredo demonstrou essa excepcional qualidade, reunindo forças heterogêneas, num leque de apoios que ia da direita à esquerda e, dentro do governo de então, a confiança de que não caminharia para o revanchismo, a abertura de feridas e a divisão do país entre os que estavam destinados à salvação e aqueles que estavam condenados à perdição. Ele cumpriu a tarefa de cauteloso, hábil e perseverante costurador político. Montou, numa engenharia de transição, a bandeira da mudança, a certeza da paz interna e sonhou com a acomodação dos grupos radicais que trocariam as reivindicações extremistas pela construção da liberdade e da democracia.

Antes de figurar na chapa como vice-presidente, conheci Tancredo Neves e com ele tive relações de amistosa convivência política que nunca transbordara para a intimidade nem para amizade pessoal. Afinal tínhamos sempre militado em correntes opostas, desde a UDN e o PSD, até PDS e PMDB.

Mas a partir da campanha identificamo-nos profundamente. Tínhamos ambos os mesmos sentimentos de saber que o fato político no sistema democrático não pode ser uma decisão pessoal. Ele necessita de ser negociado, de ter-se, nesse todo, uma visão

conjunta do fenômeno e de suas repercussões. Nada de intemperividade, tudo de paciência e construção. Daí ser o espírito da conciliação, não uma esperteza de reunir todos, mas uma postura de saber que na democracia os que governam têm sempre de ter a humildade de reconhecer que podem estar errados. Não ser dono da verdade. E saber que a conciliação leva sempre a conseguir-se um maior leque de apoio para decidir e para executar a decisão. Por outro lado, essa postura é a postura do estadista, que abandona a visão pessoal para ter a visão coletiva. As pessoas, aí, contam pouco, valendo mais o fato e o interesse nacional.

Tancredo Neves era uma figura humana bastante singular. Era um homem que prezava os hábitos que, por serem antigos, não deixam de ser necessários e modernos, de que a política não é um campo de batalha entre amigos e inimigos. Ele discutia as coisas mais apaixonadas e controversas sem perder a serenidade e as excelências, políticas, como dizia o marquês de Abrantes. Era atraente, sem ser isinuante, cordato sem deixar de ser duro. Ele sabia que a firmeza na política não vem das palavras, vem dos atos, e que a coragem nada tem a ver com a bravata. Era de uma grande coragem cívica. Só ele teria essa coragem de dialogar, como dialogou, com todas as áreas, e sem temer os patrulhamentos. Vi muitas vezes a firmeza de suas posições, a resistência correta dos seus objetivos. Ele sabia que sair de um regime autoritário para um regime de plena liberdade obriga a passar por um desfilar onde soçobram tantos heróis e tantos políticos. Era preciso ser firme para que o país não se dividisse e nem iniciasse um processo de caça às bruxas, que por sua vez trazia o risco de um

retrocesso institucional. Muitas vezes conversamos sobre este ponto. Examinamos o exemplo da Grécia e de Portugal, na Europa, da Argentina e do Peru, na América Latina.

Tancredo Neves sabia tudo da política como arte e da natureza humana. Conhecia os homens e sabia como tratá-los. No fim da campanha, nossa identidade chegou ao nível de uma grande confiança. Ele disse uma vez a Ulysses Guimarães, que estava com Milton Reis, que "o Sarney tem a virtude da proporção. Ele sabe avançar e sabe recuar". Não sei bem ao que se referia, mas tinha a certeza de que eu seria um companheiro que estava ali para ajudar até as últimas conseqüências. Estudei tudo sobre a vice-presidência.

Naquela madrugada de 15 de março de 1985 eu sei o peso deste destino. Jamais passara pela minha cabeça receber as responsabilidades que recebi. Não era só assumir a Presidência. Era governar o país no momento mais difícil de sua História, neste século, quando tantas esperanças estavam juntas com tantos problemas. Forças heterogêneas que não me aceitavam.

Tancredo pode repousar, herói, no seu túmulo de São João del Rei. O seu espírito, o seu desejo a sua inspiração, é, hoje, uma realidade. O Brasil enfrenta grandes problemas, mas o de uma sociedade de castas, elitista e autoritária não existe mais. O grande trabalho será o de melhorá-la, transformá-la em um corpo mais justo, com menores desníveis de renda, com menos violência e pobreza. Mas a liberdade e o cidadão já existem e nasceram com a Nova República.

■ José Sarney é presidente do Senado Federal